

RELATO DE EXPERIÊNCIA - EIXO 2 - ENCONTROS E DESENCONTROS DO
SISTEMA DE SAÚDE COM OS SABERES E PRÁTICAS QUE VÊM DAS
MARGENS

**VIOLÊNCIAS CONTRA MULHERES TRANS E TRAVESTIS ACOLHIDAS EM
ABRIGOS DE BELO HORIZONTE/MG: O QUE TEMOS RECOLHIDO DE
EXPERIÊNCIA**

Layane Albano Coelho (layane.albano@gmail.com)

Hebert Geraldo De Souza (hebertg.souza@hotmail.com)

Mônica Garcia Pontes (monicagpontes78@gmail.com)

Priscilla Victória Rodrigues Fraga (priscilla.victoria@gmail.com)

Carlos Inácio Andrade (odontocarlos@ufmg.br)

Andréia Devislane (adevislane32@gmail.com)

Alzira De Oliveira Jorge (alziraojorge@gmail.com)

Este resumo traz reflexões a partir da atuação profissional em um programa de inclusão produtiva, visando à empregabilidade de pessoas em situação ou com trajetória de vida nas ruas. No acolhimento e acompanhamento das usuárias trans e travestis, percebem-se dificuldades no acesso e permanência em empregos formais em decorrência de episódios de transfobia. Para encaminhar usuárias para inserção no mercado de trabalho, identifica-se a recusa das empresas em receber essas pessoas, além de relatos de transfobia que dificultam o ingresso e a continuidade nos empregos, como impedimento de uso do banheiro feminino, violências verbais com insinuações relacionando

experiências de trabalho à prostituição e preconceitos por residirem em abrigos públicos. A vivência nas ruas e em abrigos amplia os estigmas, mostrando o entrelaçamento das estruturas de opressão e a interseccionalidade como marca para o aprofundamento das violências. Nesse contexto, o trabalho, para além da função de subsistência, atua nas subjetividades e revela tensões que envolvem as bases coloniais da sociedade brasileira. Apesar da atividade laboral ter uma função importante na promoção da autonomia e cidadania, o discurso do trabalho como dignificante, muitas vezes, encobre as negligências e violências que amplificam a exclusão social. Diante da experiência, foi possível verificar que, se por um lado, o emprego é concebido como possibilidade de construção de projeto de vida, redução de riscos e reinserção social, por outro, o ambiente de trabalho pode se tornar espaço de opressão para essas cidadãs. Sobre as violências vivenciadas, observa-se que essas situações contribuem para que muitas mulheres trans e travestis retornem às ruas, em razão do despreparo das instituições em acolhê-las de forma efetiva, empática e responsável. A experiência nos convida a repensar o trabalho não apenas como via de inserção, mas como campo que precisa ser transformado para garantir dignidade e cidadania a mulheres trans e travestis.

Palavras-chave: violência no trabalho; mulheres trans e travestis; situação de rua; abrigos de belo horizonte.